

Saúde vai rever convênios

O secretário da Saúde, Adib Jatene, afirmou ontem que até o final do ano vai rever todos os convênios existentes entre centros de saúde e escolas de medicina, uma vez que o esquema atual, prevendo reajustamento das verbas com base nas ORTN, acabou criando uma defasagem entre as necessidades existentes e os recursos autorizados. O anúncio do secretário foi feito no Centro de Saúde do Butantã, que é operado mediante convênio com a Faculdade de Medicina da USP e para o qual a Secretaria acaba de liberar Cr\$ 750 mil, devendo autorizar, ainda esta semana, pelo Diário Oficial, mais Cr\$ 860 mil, para colocar em dia os salários atrasados e manter o nível de atendimento em condições normais.

Ressaltando sempre que não há motivo de crítica à administração anterior, "que deu um grande passo ao firmar os primeiros convênios", o secretário afirmou ser normal o surgimento de problemas numa experiência pioneira. No entanto, pretende sanar tais problemas, ao mesmo tempo em que ampliará, ainda mais, a atuação desses centros operados con-

juntamente com escolas de medicina. Atualmente, funcionam sob esse sistema os centros de Botucatu, Santo Amaro, da Santa Casa e de Rio Preto, além do Butantã, e neles os estudantes recebem treinamento prático de medicina comunitária, podendo os usuários receber tratamentos especiais que não podem ser ministrados em centros de saúde comuns.

NÃO FECHA

Diante de uma delegação de cerca de 200 habitantes da região servida pelo centro, aos quais se somavam médicos, estudantes da USP, presidentes de associações de bairros e até mesmo cabos eleitorais de alguns vereadores, o secretário de Saúde fez questão de dizer que a informação de que o centro estava ameaçado de fechamento por falta de verbas é falsa. "É a mesma coisa que ocorre com o Hospital das Clínicas, continuou, com muita gente dizendo que será privatizado e até mesmo entregue às multinacionais. Só que ninguém cogita disso. A informação também é falsa."

Mesmo assim, Adib Jatene considerou útil o tipo de movimentação que uniu os moradores do Butantã e os levou até a

Secretaria da Saúde para pedir verbas, declarando também ser positiva a reunião e que comparia para dialogar com o próprio público.

Perguntado por vários médicos sobre a falta de pessoal, que já é muito grave em alguns setores, como decorrência do decreto do governador que impede o preenchimento dos cargos que vão vagando, o secretário reconheceu a existência do problema, mas afirmou sua confiança em que, muito brevemente, consiga autorização para reiniciar contratações.

HOSPITAL DAS CLÍNICAS

Ainda sobre o Hospital das Clínicas, o secretário lembrou ser ele vinculado à Casa Civil e não à Secretaria da Saúde, afirmando, também que com a recente construção do Instituto dos Ambulatórios foi gasta uma verba de Cr\$ 1,2 bilhão, "o suficiente para a construção de 200 Centros de Saúde". Disse, ainda, que por ser uma autarquia, o HC recebe tratamento diverso da Previdência Social, "que pode pagar até Cr\$ 40 mil por uma operação de estômago realizada na Beneficência Portuguesa, mas que dá apenas Cr\$ 5 mil ao HC para a mesma intervenção".

"Na área central da cidade, continuou o secretário, há uma população de um milhão de pessoas, atendidas por 53 hospitais e 12 mil leitos, o que resulta em um índice de 12 leitos por mil habitantes; na área intermediária, onde a população é maior, há apenas 7 mil leitos, caindo o índice para 4 leitos por mil habitantes, ao passo que na periferia, com população de 5,7 milhões de pessoas, há 5.700 leitos, ou seja, um por mil habitantes. E ainda existem casos, como o da região de Itaquera, onde 340 mil pessoas não têm um único leito."

Concluindo, o secretário afirmou que a sua decisão é a de não construir mais hospitais na área central. Ao contrário, quer investir pesadamente na região periférica, pois o morador da periferia que necessita de assistência médica, frequentemente "não tem sequer o dinheiro para a condução até o HC". Cabe ao Estado, portanto, levar a assistência médica até aquelas regiões, devolvendo ao HC sua missão precípua que é a de atendimento dos casos mais complexos que não podem ser resolvidos nos centros e hospitais de cada região.